

A cidade não pode parar: a Maratona do Rio de Janeiro em 2020 na era da pandemia

The city cannot stop: the Rio de Janeiro Marathon in the era of the pandemic

La ville ne peut pas s'arrêter : le Marathon de Rio de Janeiro à l'ère de la pandémie

Tatiana Cioni Couto^{1,a}

tatianaccouto@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-4136-5244>

Ricardo Ferreira Freitas^{1,b}

rfo360@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4486-763X>

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

^b Doutorado em Sociologia pela Université René Descartes- Paris V/Sorbonne.

RESUMO

Neste artigo, iremos apresentar como ocorreu a edição virtual da Maratona do Rio de Janeiro em 2020, ainda sem autorizações sanitárias para a realização de grandes eventos. Para isso, analisaremos o Guia do corredor, apresentado aos corredores na época. A competição é realizada por meio de uso de aplicativos, mas o atleta é estimulado a correr com o *slogan* “Não correr nunca foi uma opção”. Abordamos os conceitos de necrodemografia e necropolítica. Entende-se que a Maratona do Rio pratica uma espécie de necropolítica ao organizar a competição em pleno período pandêmico do Brasil, apesar de valorizar a paisagem da rua em suas plataformas comunicacionais.

Palavras-chave: Necropolítica; Discurso de risco; Maratona do Rio; Cidade; Necrodemografia.

ABSTRACT

In this article, we will present how the virtual edition of the Rio de Janeiro Marathon took place in 2020 in the middle of the pandemic, still without health permits to hold major events. For this, we will analyze the Runner's Guide presented to the runners at the time. The competition is carried out using applications, but the athlete is encouraged to run with the slogan “Not running was never an option”. We approach the concepts of necrodemography and necropolitics. It is understood that the Rio Marathon practices a kind of necropolitics when organizing the competition in the middle of the pandemic period in Brazil, despite valuing the street landscape in its communication platforms.

Keywords: Necropolitics; Risk discourse; Rio Marathon; City; Necrodemography.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous allons vous présenter comment s'est déroulée l'édition virtuelle du Marathon de Rio de Janeiro en 2020, toujours sans autorisations sanitaires pour les grands événements. Pour cela, nous analyserons le Guide du marathonien, présenté aux marathoniens à l'époque. La compétition se déroule à l'aide d'applications, mais l'athlète est encouragé à courir avec le *slogan* "Ne pas courir n'a jamais été une option". Nous abordons les concepts de nécrodémographie et de nécropolitique. Il est entendu que le Marathon de Rio pratique une sorte de nécropolitique en organisant la compétition en pleine pandémie au Brésil, malgré la valorisation du paysage de rue dans ses plateformes de communication.

Mots clés : Nécropolitique ; Discours à risque ; Marathon de Rio ; Ville ; Nécrodémographie.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o dossiê **O povo na rua: saúde, políticas públicas e comunicação, parte 2.**

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Tatiana Cioni Couto e Ricardo Ferreira Freitas.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Tatiana Cioni Couto.

Redação do manuscrito: Ricardo Ferreira Freitas e Tatiana Cioni Couto.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Ricardo Ferreira Freitas e Tatiana Cioni Couto.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 31 maio 2023 | aceito: 21 fev. 2024 | publicado: 28 mar. 2024.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

As cidades são, em sua maioria, espaços de livre circulação com modelos de controle ou de abandono próprios da cultura política de cada região. Com a urbanização crescente em todos os cantos do planeta, as ruas e os outros lugares públicos de ajuntamento de pessoas são a mídia mais poderosa dos conteúdos metropolitanos (Freitas, 1996).

Mesmo os espaços privados, mas em ordenação com a economia urbana contemporânea, como os *shopping centers* e os eventos pagos – a exemplo do Rock in Rio e da Maratona do Rio –, costumam celebrar as cidades e suas marcas. Em 2020, o período pandêmico obrigou as pessoas a se afastarem das ruas. Benjamin (2009) afirma que a rua é o lugar do ar livre onde habita o coletivo, ponto de cruzamento entre mercadoria e dinheiro, além de referência da moradia. “O comércio e o tráfego são dois componentes da rua” (2009, p. 35). Ela é o lugar do prazer, dos negócios e dos encontros (Rio, 1995), que acabaram sendo regradados pelo *lockdown* (fechamento das cidades).

João do Rio (1995) afirma que as ruas fechadas parecem cidades mortas, sem a vibração, a alegria e as conversas e, conseqüentemente, sem os eventos que acontecem nelas: as festas, as competições, os espetáculos. No período do isolamento físico relacionado à covid-19, especialmente no primeiro ano, percebemos a migração de alguns desses encontros para as plataformas virtuais, uns por sobrevivência financeira, outros pela necessidade da vida em grupo.

No Brasil, o *lockdown* foi realizado em 2020 com a proibição do comércio e de qualquer atividade presencial (Nicolini; Medeiros, 2021). As pessoas e as organizações foram compelidas a encontrar outras formas de sobrevivência física, financeira e emocional. Os aplicativos de videoconferência se fortaleceram, as redes sociais se consolidaram como elo social, as *lives* viraram mania internacional. O mundo dos esportes e da saúde mudou de panorama.

As competições esportivas foram canceladas no mundo inteiro, mas as maratonas desenvolveram provas de corridas de forma virtual.

Em 2020, com a pandemia decretada oficialmente, a Maratona do Rio foi realizada em outubro com a participação de 838 maratonistas, mas diferentemente das outras maratonas que indicavam ao corredor a participação em esteiras com uso de aplicativos, esta se realizou sem grandes restrições sanitárias, somente pedindo para que os corredores realizassem as provas com quatro metros de distância, carregassem álcool em gel e usassem máscara.

A organização da Maratona do Rio de Janeiro chamou a edição de 2020 de virtual, no entanto, os atletas optaram por correr nas ruas. Existia a opção de realizar a prova de 42km dentro de casa, com o uso dos aplicativos.

Como ressalta Sacramento (2021), na época da pandemia, o Brasil atuou com a política de negacionismo e impunidades. O *slogan* da edição da Maratona do Rio de 2020 – “Não correr nunca foi uma opção” (Guia do corredor, 2020, p. 2) – ressalta uma estratégia de realizar um megaevento esportivo mesmo em uma situação de caos sanitário com proibição de circulação de pessoas divulgada por diversas entidades. No Rio de Janeiro, a Fiocruz (2020), o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (2020) e outras autoridades pediram à população que evitasse o deslocamento diário e realizasse atividades físicas em casa.

Neste artigo, iremos observar como a Maratona do Rio promoveu a corrida, baseando-se nas diretrizes da OMS, que permitiam a realização de atividades físicas em lugares abertos, contanto que houvesse pelo menos um metro de distância entre atletas (OMS, 2020). No artigo, será observado como a organização do evento promoveu um discurso de exceção, minimizando os riscos à saúde em pleno período pandêmico. Para isso, será analisado o Guia do corredor, que contém 10 páginas.

A metodologia aplicada neste artigo envolve duas etapas: a etnografia com a criação de um diário de campo (Winkin, 1998) e a participação observante (Peruzzo, 2017). Foram feitas cinco idas ao campo, durante a pesquisa, em cada edição anual, de 2019 até 2023. A observação foi realizada de modo sistêmico: participação nas corridas de 5km e observação direta da Maratona do Rio de 42km, com as entrevistas dos corredores, as fotos dos mapas e os percursos e as anotações sobre o trajeto da corrida.

Foram escolhidos três pontos fixos de observação da Maratona do Rio: a largada e a chegada da prova e a Casa da Maratona, onde havia exposições, *shows* e a entrega dos *kits*. A observação foi posta em um diário de campo com as anotações de cada competição (Winkin, 1998).

Nos anos de 2019, 2022 e 2023, foram feitas entrevistas presenciais com os maratonistas, questionamentos rápidos, baseados nas impressões do corredor. Também houve entrevistas em profundidade que foram enviadas por *e-mail* para os corredores de todas as edições.

As edições virtuais de 2020 e 2021 não tiveram observação direta, pois não havia largada e chegada da Maratona, do Rio e o atleta escolhia dia e percurso para realizar a prova. Desse modo, não foi possível criar anotações das observações. Houve a necessidade de se criar um roteiro de entrevista para a edição de 2020, de modo que as perguntas incluíam questões sanitárias, como o uso da máscara ou de distanciamento social. Optou-se pelas entrevistas via *e-mail*, redes sociais e formulário eletrônico.

Na participação observante (Peruzzo, 2017), a pesquisadora realizou quatro corridas de 5km dentro do evento. A intenção foi “acompanhar” e “viver” o objeto da pesquisa para entender mais profundamente a dinâmica das provas da Maratona do Rio de Janeiro. Em 2020 e 2021 foram realizadas a inscrição no evento e a pesquisadora correu as provas, com o objetivo de entender o funcionamento dos aplicativos e a dinâmica da “prova virtual”.

Em 2020, foram escolhidos o dia e horário da corrida, quais seriam os aplicativos usados dentro da corrida virtual e o percurso. Optou-se por uma corrida de 5km na praia da Barra da Tijuca com uso de máscara e dois aplicativos: o Nike Running e o Running Heroes. A corrida virtual de 2020 gerou um diário de campo com *print* dos dois aplicativos, a explicação do percurso realizado e também a descrição do Guia do corredor (Couto, 2023).

A MARATONA: ENTRE A PRÁTICA SALUTAR E O RISCO

O corpo permite a sociabilidade com a “partilha do comum [...] condições que tornam possível a comunicação” (Breton, 2013, p. 191). A ideia de um corpo “indesejável” (Breton, 2013, p. 223) fica vinculada ao envelhecimento, e surge o “corpo *alter ego*” (Breton, 2013, p. 239), que precisa ser consertado e se tornar apresentável. O corpo da modernidade deve se configurar como um “capital corporal” (Breton, 2013, p. 254) e por isso tem que ser corrigido em diferentes práticas: se o corpo está doente, pode ficar curado com remédios; se está imperfeito, pode ter uma cirurgia, e, se está “ruim”, pode ser reconstruído com o *body building*, como no caso do esportista com treinamentos e exercícios, ressalta Breton (2013).

O bem-estar, o cuidar de si, o saber viver e o não se deixar levar são alguns dos princípios do corpo capital. Breton (2013) aponta que mudar o corpo é uma ambição da modernidade. A corrida está ligada às questões da saúde e da prevenção, em que o gasto da energia corporal pode trazer um retorno ao corpo.

A maratona é o momento em que a prática física constante pode “melhorar a forma”. Segundo Breton: “as provas de maratona [...] realizadas por seu termo, malgrado a fadiga, e o *jogging* cotidiano são práticas e discursos que se fazem sob o controle difuso de uma gama de valores [...] partilhados: a juventude, a forma, a saúde, a sedução, a resistência, a flexibilidade.” (Breton, 2013, p. 261-262).

A preocupação com o corpo e o uso de si é um ato dos maratonistas, dos corredores de fundo ou dos corredores de domingo, afirma Breton (2013, p. 197). Mais que isso, o *jogging* leva à consciência do corpo, e “uma representação de doença menos fatal se estabelece: considera-se que a doença encontra nas maneiras

de viver, nos hábitos alimentares, na higiene de vida [...] as condições favoráveis para seu desenvolvimento” (Breton, 2013, p. 261).

Ressalta-se que a corrida, como prática esportiva salutar, surge no Brasil no século XX:

[...] a partir de desdobramentos da adoção do método de Cooper. Disseminado no país a partir de 1970, especialmente por conta do sucesso da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo do México daquele ano, o programa de testes e metodologia de exercícios físicos desenvolvido pelo médico cardiologista norte-americano no treinamento de astronautas da NASA e posteriormente adaptado por Cláudio Coutinho na preparação da equipe brasileira tricampeã mundial de futebol ganhou projeção no Brasil, tornando-se um hábito social, conforme registram a literatura científica e os veículos de imprensa da época. (Tiburtino, 2020, p. 9)

Breton (2013, p. 254) frisa que o corpo saudável pode ser um corpo capital, por ser simbólico e ser apresentado aos outros como forma de prosperar. Sob esse aspecto, os signos propagados pelo corpo são da saúde, da boa forma, do bem-estar e do corpo sedutor.

Tiburtino (2020) usa no título da dissertação de mestrado a frase “Corra, mas não morra” para estudar os discursos da corrida de rua como prática de saúde na imprensa, e é interessante observar como a corrida da saúde evoluiu para um perigo ou um risco à saúde.

A corrida, vista como elemento positivo para o corpo prosperar, passa a ter outro olhar entre 1970 e 1980, quando a imprensa brasileira apresenta reportagens contrárias ao método Cooper, aponta Tiburtino:

As contradições acerca de sua recomendação ou veto refletiam o grau de incerteza que pautava a imprensa em relação à segurança da prática, a partir da ocorrência e divulgação de maus súbitos e óbitos durante exercícios aeróbicos, como a corrida, ou logo após seu término, situação que posteriormente foi tratada até mesmo pelo próprio Cooper. (Tiburtino, 2020, p. 132)

O questionamento do método Cooper e os riscos à saúde são apontados por Tiburtino e Sacramento: “O método passou a ser questionado, visto como risco à saúde, legitimando, especialmente a partir dos anos 1980, outras práticas de cuidado com o corpo, localizadas sobretudo em academias” (2019, p. 277). Por outro lado, nessas décadas, as maratonas de rua começam a ser valorizadas em vários países, incluindo uma série de cuidados e aparatos públicos com a saúde.

SAÚDE E ESPORTE NA PANDEMIA: A NECROPOLÍTICA NA MARATONA DO RIO

No Brasil, a pandemia do coronavírus obrigou o governo federal a decretar estado de calamidade pública em 18 de março de 2020 (Brasil, 2020). Entre as medidas preventivas, houve a adoção de um conjunto de ações para o distanciamento social (Nicolini; Medeiros, 2021).

No entanto, o governo brasileiro engendrou estratégias da ordem da necrodemografia (Volocho, 2020) e da necropolítica (Sacramento, 2021), ao aplicar uma narrativa política na qual o país não podia parar em prol do capital. Volocho (2020) aponta que, mesmo diante do fechamento do comércio no Brasil, houve uma sujeição das camadas populares a permanecer trabalhando para evitar a fome e buscar a sobrevivência:

O cotidiano dos trabalhadores pobres em geral, dos trabalhadores informais, dos trabalhadores da viração, esse não pode parar. O cotidiano desigual nas periferias urbanas e, sobretudo, o infracotidiano dos moradores das favelas e ocupações, esses não podem parar, pois se trata de grupos sociais que não possuem exatamente um cotidiano para abrir mão, não possuem a estabilidade da cotidianidade, e sua busca pela sobrevivência – que é também sua busca pelo trabalho, pela renda, pela casa própria, enfim pelo cotidiano – carrega agora o risco enorme da contaminação, do adoecimento e da morte, ao passo que realiza também a necessária manutenção dos níveis mínimos de atividade econômica capazes de dar sobrevida ao capital. (Volocho, 2020, p. 40)

Volochko (2000) entende que a pandemia resultou em uma “tragédia humana” (p. 35), na medida em que o governo brasileiro adotou estratégias baseadas numa economia neoliberal com o uso da mão de obra como ferramenta de impulsionamento econômico. O discurso de uma economia ativa “*versus* vidas é assumido integralmente pelo governo federal [...] no bolsonarismo” (Volochko, 2020, p. 39).

Segundo o autor, quando o capital orienta políticas do Estado que podem ter consequências mortais, ocorre a chamada necrodemografia – que sacrifica a “vida dos trabalhadores pobres para que o capital saia vivo da enorme crise provocada pelo isolamento social e pela paralisação geral de diversos setores produtivos durante a pandemia” (Volochko, 2020, p. 39).

O trabalho durante a pandemia do coronavírus usa a mão de obra dos pobres, favelados e moradores de periferia para “salvar o capital” (Volochko, 2020). O isolamento social é delineado para quem pode ficar em casa: “[...] o cotidiano dos trabalhadores pobres em geral [...] não pode parar”, como afirma Volochko (2020, p. 40). Na opinião dele, a necrodemografia foi instaurada por um Estado autoritário e neoliberal que não objetivava a preservação da vida e pretendia garantir a reprodução do capital (2020, p. 41).

Entendendo que a necrodemografia é uma política de Estado que permite o falecimento de trabalhadores, durante o isolamento social, observa-se que a Maratona do Rio utiliza-se da mão de obra dos Correios para entrega dos *kits* da corrida: camisa e medalha da competição. Desse modo, põe em risco a vida do trabalhador que deve se deslocar para entregar os produtos.

Mesmo com o risco de propagação do vírus, os atletas entrevistados reclamaram que o *kit* de participação de 2020 deveria chegar antes da realização das provas, e não depois da competição, como a organização do evento procedeu. Outra crítica dos participantes de 2020 é que a entrega do *kit* demorou muito (Couto, 2023). Nas entrevistas, não houve relatos de preocupação sobre o risco de morte pelo vírus durante a realização dos 42km. Ressalta-se que em 2020, a prova poderia ser realizada em casa, mas o Guia do corredor não deixava claro. Os corredores fizeram a prova nas ruas, saindo de casa em plena pandemia.

De acordo com Sacramento (2021, p. 3), na época da pandemia, o Brasil teria adotado uma necropolítica, ou seja, uma política que sacrificou vidas em prol da produção e do consumo. Falta de recursos financeiros para compra de aparelhos respiratórios e falta de leitos de UTI são apenas alguns dos exemplos de ações políticas que determinavam “quais corpos valem a pena ser vividos e quais corpos serão excluídos”, ressalta Sacramento (2021, p. 3).

A falta de leitos e respiradores traz um número recorde de óbitos no Brasil, e, para piorar o cenário, o governo brasileiro adota estratégias “profundamente marcadas por negacionismos, omissões, impunidades” (Sacramento, 2021, p. 2), como a ideia de um “tratamento precoce” com o uso de medicamentos questionados cientificamente e a ausência de testagem em massa da população.

A falta de política de imunização efetiva se soma à garantia de impunidade. Com ou sem panelas sendo batidas, com algum descontentamento crescente, transborda a certeza de impunidade. Os políticos populistas, enquanto populares, gozam de inúmeros benefícios: são os privilegiados desse mesmo sistema, em todas as suas expressões (políticos, empresários, instituições), pois, apesar das denúncias confirmadas sobre crimes de responsabilidade, eles ficam impunes (negação, pactos de silêncio, conluíus, compadrio, patrimonialismo, troca de favores) pela manutenção da ordem e da autonomia entre os poderes. Esta foi uma temática recorrente durante um ano de pandemia. Somam-se mortes, famílias enlutadas, perdas irreparáveis, dores, lágrimas, mas ninguém é responsabilizado. Nunca foi tão perverso dizer “vida que segue”. E daí? (Sacramento, 2021, p. 2)

A atitude do governo federal, ao considerar vírus mortal uma “gripezinha” (Sacramento, 2021, p. 2), na figura do então presidente da República Jair Bolsonaro, além de absurda, não parou por aí. O governo atrasou a vacinação em massa e colocou em dúvida a necessidade de isolamento social.

Antes da pandemia no Brasil, Sacramento (2019) aponta a existência de uma biopolítica contemporânea, na qual a manutenção da saúde e a prevenção da doença seriam de responsabilidade individual, isentando o

Estado dessa responsabilidade. Esse momento em que a morte é uma escolha individual é baseado em um discurso de risco, em que se culpa a vítima para:

[...] deslocar as verdadeiras razões da doença (ou da possibilidade de doença) para o indivíduo, e para expressar indignação com o comportamento considerado socialmente inaceitável, exercendo controle sobre os corpos e sobre a sociedade. O discurso do risco se faz num quadro de representações sobre mortalidade, perigo e retribuição/condenação. (Sacramento, 2019, p. 4)

Na política da Maratona do Rio, ocorre a adoção de um discurso de risco sobre os corpos, quando se opta pela narrativa “Não correr nunca foi uma opção” (Guia do corredor, 2020, p. 2). A organização do evento transfere a responsabilidade de correr e a possibilidade de contrair o vírus para o atleta. O risco torna-se, assim, individual. Cada inscrito na prova opta por participar dos 42km na rua ou em casa, podendo tanto contrair como propagar o vírus.

Nas entrevistas, os participantes da Maratona do Rio de 2020 afirmaram que não correram dentro de casa. Os atletas escolheram percursos perto de casa para percorrer os 42km e reclamaram de alguns fatores, como, por exemplo, estar longe dos cartões-postais ou não poder “estar junto” com outros corredores, aponta Couto (2023). Um dos atletas de fora do estado do Rio de Janeiro comentou que não participou da edição de 2020, pois não tinha “sentido” correr fora da “Cidade Maravilhosa”. Um atleta do Rio de Janeiro apontou que correr perto de casa foi “sem graça” e que queria ver outros corredores. Outros atletas decidiram transferir a prova para 2021, porque não podiam estar com a “multidão” (Couto, 2023).

Com a inscrição na prova, foi possível ter acesso ao Guia do corredor e realizar a participação observante na distância de 5km (Couto, 2023). A pesquisadora-observadora (Couto, 2023) fez uso de máscara e realizou a apuração em dia e horário em que não houvesse perigo de cruzar com outras pessoas. Mesmo sem ter visto ou tido contato com qualquer pessoa, optou por, após a prova, fazer 15 dias de isolamento. A prática foi necessária para entender a dinâmica da prova com o uso dos aplicativos.

Nenhum atleta entrevistado comentou sobre os riscos do vírus ou mesmo sobre ter adotado algum procedimento sanitário durante a realização da prova dos 42km. Quando perguntados sobre a obrigatoriedade do uso de máscara durante a corrida, disseram que era um incômodo usá-la durante os 42km.

Interessante observar que o próprio documento da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o coronavírus (OMS, 2020) incorpora indiretamente o discurso de risco ao permitir atividades físicas em plena pandemia. Foi criada uma tabela com considerações, comentários e fatores de risco.

CONSIDERAÇÕES – CHAVE	COMENTÁRIOS	FATORES DE RISCO E VERIFICAÇÃO DE MITIGAÇÃO
Existem esportes que podem ser considerados de menor ou maior risco?	<p>Esportes de menor risco onde o distanciamento físico é possível, ex. tiro com arco, tiro e alguns eventos de atletismo. Serão menores os riscos se o conselho de distanciamento físico para atletas, treinadores e espectadores forem seguidos.</p> <p>Esportes de maior risco incluem esportes de contato. Contatos físicos e próximos entre os jogadores aumentam o risco de transmissão do COVID-19.</p>	<p>Veja detalhes na lista de verificação de mitigação.</p> <p>Considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • verificação diária de saúde dos competidores • Separação física (pelo menos 1 metro) de competidores, oficiais, espectadores e equipe de apoio • desinfecção e limpeza completas após / entre partidas / competições • o compartilhamento de equipamentos deve ser proibido, garantindo, em particular, que garrafas e copos de água não sejam compartilhados • considere a utilização segura das embalagens fechadas para todos os materiais de higiene descartáveis e reutilizáveis (por exemplo, lenços de papel, toalhas etc.).

Figura 1 – Print parcial da tabela da OMS
 Fonte: OMS (2020, p. 1).

Nos comentários, verifica-se que esportes individuais, como tiro com arco, são de “menor risco”. Os esportes de maior risco são os “esportes de contato. Contatos físicos e próximos entre os jogadores aumentam o risco de transmissão da covid-19” (OMS, 2020, p. 1). Entre as regras estabelecidas no documento de saúde consta a necessidade de se evitar a realização de grandes eventos, ao se afirmar que o tamanho pode ser um fator de “risco”, mas, ao mesmo tempo, há deliberações para o uso de equipe de apoio (*staff*), espectadores e participantes.

No planejamento da OMS, há a proibição de eventos em lugares fechados:

Eventos ao ar livre serão melhor ventilados do que eventos *indoor* (em locais fechados como: estádios, ginásios etc.).

Pode ser mais fácil garantir que conselhos de distanciamento físico sejam seguidos em eventos ao ar livre com assentos não designados, como corridas de cavalos, golfe etc. (OMS, 2020, p. 2)

Em relação à comunicação de risco, a OMS ressalta: “Garantir que os conselhos de saúde pública estejam disponíveis antes e durante o evento para todos os participantes, *staff* e funcionários de todas as partes interessadas relevantes” (OMS, 2020, p. 2). No entanto, esse conselho não pode ser seguido na Maratona do Rio, evento realizado em diversas partes da cidade, com o trajeto sendo escolhido pelo corredor.

Em todo o mundo foi proibida a prática esportiva, como também os programas de treinamento para eventos internacionais. As Olimpíadas de Tóquio de 2020 foram adiadas (Batista *et al.*, 2022), e diversos campeonatos brasileiros, como o de basquete, o de tênis e a etapa brasileira do mundial de Fórmula 1, também foram suspensos para evitar aglomeração (Coronavírus [...], 2021). Fernando Cáceres Andrés, presidente honorário do Conselho Ibero-americano do Esporte, no período de 2017 a 2020, observou que o esporte deveria ser praticado de maneira *on-line* para manter os protocolos de emergência sanitária: “De forma simultânea, foram dispostos programas de promoção da atividade física e alimentação saudável através de dispositivos operativos *on-line* ou gravados e emitidos por meio de plataformas oficiais e redes sociais, com participação de profissionais qualificados ou contratos *ad hoc*” (Andrés, 2020, p. 12).

As chamadas Major Marathons (grandes maratonas), consideradas megaeventos esportivos por atrair mídia, ter alta procura de inscrição/participação e vultosas premiações em dinheiro, foram todas canceladas, sem competições presenciais ou virtuais. As seis cidades sedes de Major Marathons (Nova Iorque, Chicago, Boston, Berlim, Londres e Tóquio) esperaram o fim da pandemia para retomar as competições. A notícia do cancelamento das Major Marathons foi divulgada em diversos canais especializados de corrida, entre eles a Web Run que divulgou o cancelamento de Berlim e Nova York (Boscolo, 2020b), Chicago (Webrun, julho 2020) e Londres (Boscolo, 2020a). O cancelamento da Maratona de Tóquio foi feita pela CBS (Tokyo [...], 2020).

Algumas empresas realizaram maratonas virtuais, com o competidor usando mapas virtuais. O participante:

[...] realizava a competição em casa na esteira, vendo na galeria do aplicativo as imagens e [os] vídeos da cidade do evento, e depois recebia em casa as medalhas personalizadas do evento [...] empresas usaram a integração de aplicativos, como o Conqueror App, com a escolha pelo corredor de onde realizar a competição. Nessa opção não havia galeria de imagens, usando a geolocalização (GPS) para gerar mapas virtuais do percurso utilizado pelo atleta.¹ (Couto; Freitas, 2023, p. 119-120)

No Brasil, a Maratona do Rio usou o modelo virtual de corrida, mas deixou em aberto a escolha do atleta, que poderia percorrê-la em casa ou na rua. A edição da Maratona do Rio de 2020 foi realizada entre os dias 9 e 12 de outubro de 2020 e contou com 838 participantes (Couto, 2023). “O modo virtual da Maratona do Rio não é realizado 100% *on-line*, oferecendo a experiência de evento híbrido. O uso dos aplicativos é exigido para rastreamento da corrida e certificados da prova” (Couto; Freitas, 2023, p. 123).

A pesquisadora Tatiana Cioni Couto se inscreveu na edição de 2020 e escolheu correr na Barra da Tijuca, bairro próximo à sua residência. Escolheu o segundo dia de prova, fazendo o desafio em uma sexta-feira em horário tardio para evitar encontrar outras pessoas. Usou máscara e por sorte não encontrou outras pessoas na orla do bairro. O tempo total de corrida foi de 53 minutos para 5km, tempo no qual a autora sentiu grande desconforto por conta do uso da máscara. No momento da inscrição, a autora recebeu um *e-mail* com o Guia do corredor.

O documento apresenta as regras básicas, como carregar álcool em gel, usar máscara e manter o distanciamento de 4 metros durante a corrida. O risco de disseminação da covid-19 é amenizado no Guia, com comentários do tipo: ter cuidado de não correr se tiver suspeita de estar infectado, ou de correr mediante atestado médico. Como a “suspeita de estar infectado” é algo muito subjetivo, a responsabilidade ficou por conta do participante: “Se você tem suspeita de infecção por covid-19, não corra” (Guia do corredor, 2020, p. 8).

A Maratona do Rio adotou um discurso de cidade de exceção, pois encoraja o atleta a realizar a corrida, mesmo em período oficial de *lockdown* (Couto; Freitas, 2023). O *slogan* de 2020 – “Não correr nunca foi uma opção” (Guia do corredor, 2020, p. 2) –, o que, conforme comentado, demonstra que o evento propagou a ideia de circulação de pessoas, mesmo em cenário pandêmico.

Por um lado, a prática física durante a pandemia foi vista como um instrumento para aumentar a imunologia do corpo, com a liberação do cortisol e a redução de uma série de fatores de risco oriunda da covid-19: a gravidade da infecção, a possibilidade de comorbidades, o estresse mental, a ansiedade e o risco de depressão (Matsudo; Santos; Oliveira, 2020).

Por outro lado, realizar uma prova de corrida num momento em que o coronavírus se alastrava rapidamente pelo mundo foi mais que um discurso de risco. O discurso da cidade de exceção (Vainer, 2011) é baseado em instrumentos que aprovam, inclusive, ações ilegais para garantir a criação e a manutenção de um megaevento. A chamada cidade de exceção é configurada antes da pandemia, nos megaeventos de 2014

1 O site criado para as maratonas virtuais foi o [Virtual Marathon Series](#).

e 2016, em que houve a criação de instrumentos formais e institucionais para que a cidade recebesse as Olimpíadas de 2016. Assim, a realização de um megaevento como a Maratona do Rio em 2020, mesmo havendo uma lei de *lockdown* em vigor, “configura uma cidade de exceção, pois, nessa perspectiva, o corredor e a cidade não podem parar. Tudo deve estar em movimento, mesmo com uma situação de crise mundial” (Couto; Freitas, 2023, p. 128).

GUIA DO CORREDOR 2020: (DES)CUIDADOS PARA O ATLETA

O Guia do corredor de 2020 apresenta dez páginas, e a maioria descreve dicas técnicas e cuidados paliativos para se correr a Maratona do Rio.

A primeira imagem do Guia mostra três corredores sem máscara, alinhados e próximos. O roteiro de dicas e cuidados para o atleta parece ter sido elaborado em um ano comum, e não escrito em pleno período pandêmico.



Figura 1 – Capa do Guia do corredor de 2020
Fonte: Guia do corredor (2020).

A inexistência da máscara na imagem do Guia do corredor vai na contramão das exigências sanitárias e das medidas tomadas para conter o vírus. Em 2020: “[...] as máscaras tomaram as escolas, o comércio, os transportes, os parques, as cidades na Europa”, destacam Marques, Silveira e Pimenta (2020, p. 231).

Na capa do Guia consta a seguinte chamada: “Guia do corredor – Provas virtuais – Dias 9 a 12 de outubro de 2020 – #corremosjuntos”. A capa contém os seguintes elementos visuais: o logotipo da Maratona do Rio e a arte, cujo destaque é a imagem de três corredores: um homem e duas mulheres. Nenhum deles usa máscara.

Na chamada “#corremosjuntos”, há uma subjetividade do texto para dizer indiretamente ao corredor que ele não estará sozinho na prova” virtual”. Mas não existe especificação sobre o cuidado de se correr sozinho e não acompanhado de outros atletas. Na página 2, há o texto:

BEM-VINDO À MARATONA DO RIO COSAN 2020. Depois de tantos acontecimentos, aqui estamos juntos e prontos para viver essa experiência que, como nós sabemos bem, não é como simplesmente levantar e correr. Agora é a hora de botar para fora o seu melhor, mostrar que toda a sua preparação e expectativa serviram para realizar algo que vai ficar marcado para sempre na vida. Fizemos esse guia para que ele seja o seu melhor companheiro durante essa realização. Leia com atenção, se prepare e faça o que nós sabemos fazer de melhor. Afinal, NÃO CORRER NUNCA FOI UMA OPÇÃO. (Guia do corredor, 2020, p. 2)

A segunda página apresenta como elemento visual o logotipo da Maratona do Rio e a mesma arte subjetiva da capa. O elemento central é o texto que dá “boas-vindas” ao corredor. Em nenhum momento o texto cita a pandemia de 2020, o objetivo é fazer com que o atleta faça o seu melhor sem especificar o que seria o melhor para o competidor.

A frase final – “Não correr nunca foi uma opção” (Guia do corredor, 2020, p. 2) –, utilizada em caixa-alta, objetiva chamar a atenção do atleta e pedir para ele continuar a correr. O negacionismo na frase está implícito ao convocar o atleta a correr mesmo em época de *lockdown* do comércio e de várias outras atividades. Na página 3, é esclarecido ao atleta o código de acesso:

CÓDIGO DE ACESSO. Preparado pra correr a Maratona do Rio Cosan 2020? Antes de tudo, você vai precisar do código de acesso que enviamos por *e-mail* no mês de agosto para os que optaram pela prova virtual em 2020 pelo *e-mail* contato@maratonadorio.com.br, se você se inscreveu pela Ticket. Agora, a partir de setembro, o código foi enviado por eles, via SAC. Vale lembrar que o código pode ser alfanumérico, com letras maiúsculas e minúsculas que devem ser respeitadas. (Guia do corredor, 2020, p. 3)

Neste trecho constam instruções para o atleta correr e saber como fazer caso queira entrar em contato com a organização da corrida. O elemento visual em destaque é um cadeado que fica acima das palavras “código de acesso”. O logotipo da maratona, dessa vez, entra na parte de baixo da página.

Na página 4, a preocupação principal dos organizadores é com o uso correto dos aplicativos:

RUNNING HEROES. Para começar é preciso ter o app Running Heroes instalado. Se você ainda não baixou, entre na sua loja de aplicativos e faça o *download*. Também é possível usar Running Heroes através do *site*. “Já baixei Running Heroes, mas ainda não conectei o app ou dispositivo esportivo. O que devo fazer?” PELO APLICATIVO [...] PELA WEB [...] Quem foi inscrito na prova física precisa optar por uma distância da prova virtual diretamente na Running Heroes. [...] Entre em contato imediatamente através do *e-mail* contato@maratonadorio.com.br. Enviaremos novamente para você :). (Guia do corredor, 2020, p. 4)

O elemento visual em destaque é o logotipo da Running Heroes, que fica acima do texto. O logotipo da maratona entra na parte de baixo da página. Em momento algum o texto pede que o participante use o aplicativo em casa. Na página 5, há dicas para o que fazer no dia da prova:

NO DIA DA PROVA. Chegou o grande dia. Mas o que devo fazer? Se você já seguiu todos os passos listados acima, no dia da prova *você só precisa sair pra correr*. Não precisa apertar nenhum botão. Mas lembre-se: você já deve estar inscrito na prova desejada, com seu aplicativo ou dispositivo de monitoramento de atividade sincronizado com a Running Heroes e usá-lo no momento da corrida – seu app ou dispositivo deve estar configurado para a atividade corrida, ok? (Guia do corredor, 2020, p. 5 – grifos dos autores)

Ressalta-se nesse texto a frase “sair pra correr”, evidenciando a prática de corrida fora de casa em plena pandemia. Não existe nenhuma sugestão para que o participante corra em casa ou mesmo algum alerta sobre o risco do alastramento do vírus com a atividade física e o contato com outras pessoas.

A parte dos erros comuns é destacada na página 5, chamando a atenção para os prazos e para as regras da prova virtual.

Sair para correr sem o app ou dispositivo cadastrado na Running Heroes. Sair pra correr sem estar inscrito na prova virtual desejada. Achar que os registros antigos do seu aplicativo ou dispositivo também sincronizam automaticamente na Running Heroes. Não respeitar o prazo para realizar a prova virtual. Para a Maratona do Rio Cosan 2020 o prazo é das 00h01 do dia 09/10/2020 até às 23h59 do dia 12/10/2020. Não respeitar as regras da sua prova. (Guia do corredor, 2020)

Percebe-se no texto duas ocorrências da frase “Sair para/prá correr [...]”. Não há registro textual para a possibilidade de se correr em casa. A página 5 ressalta o cuidado que se deve ter para respeitar as regras da prova usando o aplicativo. Na página 6, há mais instruções técnicas para o atleta:

E AGORA? “Segui todos os passos, prestei atenção no período e segui todas as regras. Minha atividade não contou para a prova. O que fazer?” Veja a lista de informações abaixo e, se não resolver, não tem problema. Nossa equipe estará de plantão para o atendimento, das 8am até às 8pm, de 9 até 12 de outubro. Entre em contato com a gente pelo e-mail contato@maratonadorio.com.br Acabou de conectar um app de esportes? Somente suas atividades realizadas após conectar seu app serão adicionadas. (Guia do corredor, 2020, p. 6)

Nessa instrução, há o texto chamando atenção para o atendimento *on-line*, caso os aplicativos não tenham sincronizado a competição. O Guia registra a frase “[...] segui todas as regras”. Mas nessas regras não existem cuidados ou riscos com relação à covid-19. Na página 7, há uma “dica de ouro”:

DICA DE OURO

Se estiver lendo este guia antes de realizar sua prova, faça testes, eles são a melhor forma de saber que estamos com tudo em ordem e que nenhuma falha irá frustrar a sua experiência. Corra qualquer distância, confira se seu aplicativo está funcionando corretamente e se suas atividades estão sendo sincronizadas. Uma boa forma de praticar é fazendo um desafio virtual gratuito disponível na Running Heroes. Desconecte e conecte novamente seu app ou dispositivo, caso tenha algum problema. Não deixe para realizar o primeiro teste no dia da sua prova, se algo der errado ou pintar alguma dúvida pode atrapalhar a sua jornada. Não esqueça de verificar a bateria do seu dispositivo ou celular. (Guia do corredor, 2020, p. 7)

A “dica de ouro” ressalta que o importante é praticar e correr qualquer distância antes de realizar o desafio virtual. Destaca-se que nada “[...] pode atrapalhar a sua jornada”, um discurso para correr de qualquer maneira, mesmo com os riscos à saúde.

Na página 8, há um texto sobre saúde e segurança que se mistura às recomendações habituais:

SAÚDE E SEGURANÇA

Sua saúde e segurança andam de mãos dadas. Esteja ligado e seja responsável consigo mesmo e com sua comunidade:

- Mantenha distanciamento social de 4 metros durante a corrida.
- Se possível, carregue álcool em gel e o use nas mãos sempre que tocar em algum objeto ou superfície.
- Evite tocar no rosto.
- Use máscara com boa respirabilidade e troque-a quando estiver úmida.
- Se você tem suspeita de infecção por covid-19, não corra.
- Se você teve infecção por covid-19 e precisou ser internado, é recomendável que você corra somente após avaliação e liberação médica.
- Se teve infecção por covid-19 e persistem sintomas, como cansaço e fraqueza, não corra sem ser avaliado e liberado por um médico.

RECOMENDAÇÕES HABITUAIS PARA A CORRIDA

- Procure ter uma noite de sono tranquila na véspera da prova e nada de estrear tênis novo.
- Esteja hidratado ao iniciar a prova. Durante a corrida, hidrate-se regularmente, observando sua sensação de sede. (Guia do corredor, 2020, p. 8)

As preocupações com a covid-19 se detiveram à distância social, ao toque no rosto, ao uso de máscara, a não correr se estiver com o vírus e ao uso do álcool em gel. No texto, não há abordagem do real risco do vírus, como a morte. Como Marques, Silveira e Pimenta destacam:

A escalada da doença [...] a partir de então foi exponencial, e o aumento de casos passou a ser acompanhado pelo crescimento inimaginável do número de mortos. A ameaça da doença ascendeu à experiência do choque: a saturação dos serviços de saúde, a solidão dos moribundos, a morte sem ritos e sem despedidas, as covas coletivas, o rinque de patinação transformado em necrotério, a devastação dos asilos. (2020, p. 31)

Ainda na página 8, as dicas de saúde e segurança se misturam às recomendações habituais, como dormir bem e estar hidratado. A página 9 retoma as recomendações habituais para a corrida.

RECOMENDAÇÕES HABITUAIS PARA A CORRIDA

– A reposição de carboidratos e eletrólitos deve seguir as recomendações nutricionais específicas para corridas com mais de 1h de duração. Observe as recomendações do nosso time de especialistas.

– Escolha o ritmo que você está preparado, conforme seus treinos para essa prova.

– Para evitar hipertermia: mantenha seu estado de hidratação adequado, escolha horário de temperatura mais amena e use roupas adequadas para o clima. Prefira locais arborizados, com presença de sombras ou ventilados. Considere usar boné e filtro solar e jogar água na cabeça para arrefecer o calor.

– Evite permanecer com roupas úmidas após a corrida, para evitar hipotermia.

Sinais de alerta do corpo:

– Seja razoável e interrompa a atividade caso sinta dor no peito, tontura, falta de ar, sensação de desmaio, turvação visual ou outro desconforto.

– Procure ajuda médica local, se não se sentir bem, ou peça para que alguém chame ajuda (SAMU 192 ou Corpo de Bombeiros 193).

– Corra com identificação e carteirinha do plano de saúde, se for o caso. Mantenha contigo anotação do número de telefone de um familiar ou amigo, se tem alguma doença, alergia ou se usa algum remédio.

Dicas de saúde e segurança por FABIULA SCHWARTZ. Médica, especialista do Time Maratona do Rio Cosan 2020. (Guia do corredor, 2020, p. 9)

O interessante nesse texto é a apresentação de uma “especialista”, na figura da médica Fabiula Schwartz, que acaba ratificando as práticas da corrida na pandemia. Tiburtino lembra como a figura do especialista foi importante nas colunas esportivas sobre atletismo.

A consulta a especialistas – geralmente médicos ou educadores físicos – é uma prática constante nas matérias jornalísticas que abordam a corrida como prática de vida ativa relacionada à saúde. E os especialistas consultados como fontes nos jornais colaboravam para os discursos contraditórios e ajudavam a refletir a incerteza que pairava na sociedade sobre a balança entre benefícios e malefícios da corrida de rua, enquanto exercício físico. (2020, p. 133)

Na página 10, ressalta-se o “ano tão complicado para todos nós” numa referência ao ano de 2020:

Se alimente bem, durma bem, siga as recomendações e obrigado por estar com a gente, mesmo durante esse ano tão complicado para todos nós. A Maratona do Rio Cosan 2020 tem muito orgulho em compartilhar com você todos esses metros até a linha de chegada. Fisicamente ou *on-line*, seguimos fazendo o que amamos fazer. #CORREMOSJUNTOS. (Guia do corredor, 2020, p. 10)

A página 10 volta a apresentar, como elemento visual em destaque, as corredoras. Dessa vez, o homem é retirado da divulgação, tendo apenas as duas mulheres sem máscaras.



Figura 2 – Página 10 do Guia do corredor de 2020
Fonte: Guia do corredor, 2020.

Mesmo concordando que 2020 foi um ano difícil por conta da pandemia de covid-19, a organização da corrida ressaltou a importância de se correr e de se estar nessa prova.

CONCLUSÕES

Com o fechamento das ruas, a proibição do comércio e da aglomeração de pessoas, a cidade poderia estar ‘morta’, já que as ruas não teriam a vida e o coletivo. Mas, fazendo uso da lógica da necropolítica, o Brasil não podia parar. O comércio devia existir independentemente da crise de saúde, com o discurso do governo de não deixar a atividade econômica ‘morrer’. Com isso, os pobres deveriam trabalhar, mesmo na pandemia.

Uma série de negacionismos e de impunidades foi realizada em diferentes atos políticos ou econômicos. Dentro dessa perspectiva, a Maratona do Rio aconteceu em 2020 baseando-se na liberação de atividades físicas ao ar livre, ditadas pela OMS. O megaevento poderia ter reunido pela cidade diversos corredores que eram potenciais disseminadores do vírus, e ao todo cerca de 800 atletas se inscreveram para percorrer os 42km pela cidade. É interessante observar que as regras da OMS dizem que esportes coletivos são de risco e que grandes eventos teriam alto risco à saúde. No entanto, parte do trecho desse documento é desconsiderado pela organização do evento. Outro documento criado pela Fiocruz (2020) pedia que as pessoas praticassem atividade física em casa, mas a organização da Maratona do Rio não especifica no Guia do corredor que a corrida deve ser feita em casa.

As orientações e os cuidados ditados pela organização da Maratona do Rio estão contidos no Guia do corredor. Essas recomendações podem ser consideradas descuidadas, pois das dez páginas do Guia somente uma menciona algo sobre a covid-19. As dicas de segurança são apenas cuidados paliativos para o corredor: usar máscara, passar álcool em gel e manter distância do outro corredor.

O restante das páginas do Guia do corredor apresenta textos técnicos e procedimentos para o corredor usar os aplicativos. Não existem proibições, e, com isso, falta um discurso real de risco. O documento apresenta mais dicas técnicas sobre o aplicativo do que cuidados reais com o coronavírus, o SARS-CoV-2.

Outro descuido da Maratona do Rio é com relação à entrega do *kit* de participação da prova pelos Correios. O uso de trabalhadores de classes menos abastadas em período pandêmico, com o possível contato com o corredor, é uma prática de necrodemografia.

Como ocorreram muitas maratonas virtuais, a pesquisadora Tatiana Cioni Couto realizou o desafio, mas antes consultou a Prefeitura do Rio de Janeiro sobre a liberação das atividades de lazer em áreas abertas. Naquele momento, havia permissão de práticas físicas por parte do governo municipal. A pesquisadora sabia do risco e, por isso, adotou o máximo de medidas possíveis para evitar a possibilidade de disseminação do vírus. Mesmo sem ter tido contato com ninguém na orla, ela cumpriu a quarentena em casa, após a realização da prova. Entretanto, a pesquisadora Tatiana Cioni Couto se surpreendeu com as reportagens com quem correu os 42km ou 21km pela cidade, o que demarcava um risco muito maior de contato.

Outra surpresa foi o *slogan* da maratona: “Não correr nunca foi uma opção” (Guia do corredor, 2020, p. 2). Fica claro o posicionamento da organização da Maratona do Rio: não deixar de correr, mesmo diante de um perigo real e mortal como o da pandemia. O *slogan* passa a ideia de que o atleta deve estar em movimento, mesmo que possa contrair ou espalhar o vírus. E o enunciado “sair para/prá correr” denota um imperativo de sair de casa (e em nenhum momento se fala em correr na esteira de casa, por exemplo).

Nas entrevistas com os maratonistas, houve a constatação de que a maioria reclamava de diversos pontos que contribuíam para o mínimo controle da disseminação do vírus, como o fato de não “estar junto” com outros corredores, a prova não poder ter largada e chegada oficiais, não se poder ver a “multidão”, além de se ter que realizar os 42km perto de casa. O fato de discordar do uso da máscara revelou um comportamento que se alinhava à necropolítica do governo, pois nenhum atleta entrevistado parecia se importar com o risco de correr os 42km em 2020.

O discurso de risco foi implementado pela organização da maratona, ao deixar os cuidados de saúde a cargo de uma decisão individual. O negacionismo presente no Guia do corredor está claro desde o começo do material, quando temos a imagem dos corredores sem máscaras. Para eles, a cidade e os corredores não podem parar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉS, Fernando Cáceres. **O esporte em tempos de pandemia**: um olhar desde Ibero-América. Montevideu: UNESCO, 2020. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374467_por. Acesso em: 2 maio 2023.

BATISTA, Mellina Souza *et al.* Eventos esportivos em tempos de pandemia da covid-19: a ginástica em foco. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 20, p. e-28203, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/cefe.2022.28203>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/28203>. Acesso em: 28 fev. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

BRASIL. Palácio do Planalto. Decreto legislativo nº 6, de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 55, n. 55, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm. Acesso em: 8 jul. 2022.

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOSCOLO, Leonardo. Maratona de Londres 2020: organização prepara evento virtual para data em que a prova aconteceria. **Webrun**, [São Paulo], 7 ago. 2020a. Major Marathon. Disponível em <https://webrun.com.br/maratona-de-londres-2020-organizacao-evento-virtual/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

BOSCOLO, Leonardo. Maratonas de Nova York e Berlim canceladas. **Webrun**, [São Paulo], 24 jun. 2020b. Major Marathon. Disponível em <https://webrun.com.br/maratonas-de-nova-york-e-berlim-canceladas/>

CORONAVÍRUS no esporte: os principais eventos afetados pela pandemia. **Placar**, [s. l.], 17 mar. 2020. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/esporte/coronavirus-no-esporte-os-principais-eventos-afetados-pela-pandemia/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

COUTO, Tatiana Cioni. A paisagem da cidade do Rio de Janeiro na comunicação institucional da Maratona do Rio. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. UERJ, 2023.

COUTO, Tatiana Cioni; FREITAS, Ricardo Ferreira. As maratonas e as paisagens na pandemia do coronavírus: estratégias de *branding*. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 12, n. 21, p. 116-131, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2023v12n21p116-131>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/29338>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Comunicação e espaços urbanos: relação essencial à contemporaneidade. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 3-4, 1996. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/13368>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Orientações de alimentação e exercício físico diante à pandemia da covid-19**: ...em notas saudáveis. [Rio de Janeiro]: Fiocruz, 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/e-book_notas_saudaveis_atualizado_2.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

GUIA DO CORREDOR. Rio de Janeiro: [s. l.], 2020.

LOURENÇO, Tomaz. Maratona do Rio tem 2.422 concluintes nos 42km e 15,2 mil no total das quatro provas. **Contra Relógio**, [s. l.], 17 nov. 2021. Disponível em: <https://contrarelogio.com.br/maratona-do-rio-tem-1-885-concluintes-nos-42-km-e-142-mil-no-total-das-quatro-provas>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de covid-19: interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente. In: REIS, Tiago Siqueira et al. (org.). **Coleção história do tempo presente**: volume III. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 225-249. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/pandemia-de-covid-19-intersecoes-e-desafios-para-historia-da-saude-e-do-tempo-presente>. Acesso em: 2 maio 2023.

MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; SANTOS, Maurício dos; OLIVEIRA, Luís Carlos de. Quarentena sim! Sedentarismo não! Atividade física em tempos de coronavírus. **Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 116-120, 2020. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/11/1129416/rdt_v25n3_116-120.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, maio-ago. 2021, p. 281-298. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210204>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/y8vR5W3t6YRvnRk4fWdM54y/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Considerações para federações esportivas / organizadores de eventos esportivos ao planejar eventos / reuniões em massa no contexto do covid-19**. Genebra: WHO, 14 abr. 2020. Interim Guidance. Disponível em: http://www.cbc.esp.br/arquivos/traducao_orientacoes_OMS_para_eventos_esportivos.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima, v. XXIII, n. 3, p. 161-190, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/316/31652406009/html/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

REDAÇÃO WEBRUN. Maratona de Chicago cancelada. **Webrun**, [São Paulo], 13 jul. 2020. Covid-19. Disponível em <https://webrun.com.br/maratona-de-chicago-cancelada-2020/>.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. (Biblioteca Carioca). Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

RIO DE JANEIRO (Estado). Ministério Público. **Recomendação n. 25/2020 – FTCovid-19/MPRJ**. Rio de Janeiro, 4 maio 2020. Disponível em: <https://www.mprj.mp.br/documents/20184/540394/REC%20025%20-%20MRJ%20Estudo%20LOCKDOWN.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SACRAMENTO, Igor. A saúde como normatividade social: comunicação, risco e estilos de vida. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-6, 2019. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i1.1777>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1777/2247>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SACRAMENTO, Igor. Um país sem vacinas: sem imunidade, com impunidade. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2323>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2323>. Acesso em: 28 fev. 2024.

TIBURTINO, Glauber Queiroz Tabosa. **Corra, mas não morra**: discursos sobre a corrida de rua como prática de saúde na imprensa carioca (1970-1985). 2020. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/48013/glauber_tibertino_icict_mest_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 20 jan. 2024.

TIBURTINO, Glauber Queiroz Tabosa; SACRAMENTO, Igor. Correr para viver mais? O método Cooper e a construção discursiva da corrida como prática de saúde na imprensa carioca (1970-1979). **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 268-278, 2019. DOI: <https://doi.org/10.55738/alaic.v18i32.593>. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/593>. Acesso em: 28 fev. 2024.

TOKYO marathon canceled over coronavirus fears. **CBS News**, Belmont, 17 fev. 2020. Local News. Disponível em <https://www.cbsnews.com/boston/news/becca-pizzi-world-marathon-majors-tokyo-coronavirus/>

VAINER, Carlos B. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 15., 23-27 maio 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-14, 2011. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/635/622>. Acesso em: 10 jan. 2024.

VENTURA, Giulia. Em retomada de eventos, Rio organiza maratona para 20 mil corredores. **Metropóles**, 14 nov. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/em-retomada-de-eventos-rio-organiza-maratona-para-20-mil-corredores>. Acesso em: 2 maio 2023.

VOLOCHKO, Danilo. O cotidiano dos pobres não poder parar: a pandemia e a necrodemografia do capital. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (coord.). **Covid-19 e a crise urbana**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. *E-book*. p. 35-41. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587621036>. Disponível em: https://geografia.fflch.usp.br/sites/geografia.fflch.usp.br/files/Covid_19_e_a_Crise_Urbana_v7.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.